

## **Parece, mas não é jornalismo: (des)informação em tempos de pandemia**

### **It looks like it, but it's not journalism: (un)information in times of pandemic**

DOI:10.34117/bjdv7n10-133

Recebimento dos originais: 13/09/2021

Aceitação para publicação: 13/10/2021

**Katarini Giroldo Miguel**

Docente nos cursos de Graduação em Jornalismo e Mestrado em Comunicação da UFMS

**Cauê Duarte Moreira dos Reis**

Bolsista PIBIC-CNPQ, acadêmico do curso de Jornalismo da FAALC-UFMS

E-mail: cauemreis2@hotmail.com

#### **RESUMO**

Partimos do pressuposto de que o jornalismo e a produção de informação no contexto da cibercultura tende a fomentar opiniões sem controle, proporcionando espaços de livre circulação de ideais de diversas naturezas, muitas vezes nocivos para uma sociedade contemporânea civilizada (RUDIGER, 2011). Assim, apresentamos uma análise exploratória, a partir da pretensa construção noticiosa feita pelo site O Jornal da Cidade Online - envolvido em um amplo debate sobre disseminação de fake news - , sobre a pandemia da Covid-19 em 2020. Constatamos que os recursos tecnológicos empregados, a apropriação da estética e do discurso jornalístico, no que se refere à forma, são usados como estratégias de persuasão e mobilização dos públicos.

**Palavras-Chave:** Cibercultura, Fake News, Desinformação, Tecnologias Da Informação E Comunicação.

#### **ABSTRACT**

We start from the assumption that journalism and information production in the context of cyberculture tends to foster opinions without control, providing spaces of free circulation of ideals of various natures, often harmful to a civilized contemporary society (RUDIGER, 2011). Thus, we present an exploratory analysis, from the alleged news construction made by the website O Jornal da Cidade Online - involved in a wide debate about fake news dissemination - , about the Covid-19 pandemic in 2020. We found that the technological resources employed, the appropriation of aesthetics and the journalistic discourse, in terms of form, are used as strategies of persuasion and mobilization of the public.

**Keywords:** Cyberculture, Fake News, Disinformation, Information and Communication Technologies.

## 1 O CONTEXTO

Nossa pesquisa se situa em uma conjuntura de instabilidade política do Brasil de 2020, acentuada com o cenário pandêmico oriundo da Covid-19 e, partindo dos pressupostos de que o campo jornalístico perpassa a lógica da Cibercultura, que por sua vez, configura-se um lócus para a promoção da liberdade de expressão e direitos humanos, mas também se revela facilitador para circulação de ondas de informações e desinformações de diversas naturezas. Além disso, estes contextos de fragilidade democrática facilitam o surgimento de movimentos demagógicos, extremistas e fascistas (CASTELLS, 2018), que se comunicam amplamente pelas redes. Além disso, o jornalismo também é impactado, sobretudo, porque fenômenos como o das fake news, acabam por ser potencializados no cenário supracitado.

Apesar da significativa mobilização acadêmica em torno do conceito e da prática das fake news, notamos definições difusas e de difícil conceituação, já que elas se transformam constantemente na conjuntura cibernética do novo século. Concordamos com os pensamentos tecidos por Christofolletti acerca desse tema. Para o autor, o fenômeno das fake news não se enquadra apenas em notícias falsas e/ou manipuladas, mas também são “plantadas, cultivadas e hipertrofiadas para que desorientem” os usuários (CHRISTOFOLETTI, 2018, p.82). Fenômeno potencializado no contexto da cibercultura, já que, ainda conforme o autor, essas (des)informações são espalhadas, tanto por usuários quanto por sistemas automáticos, como bots e algoritmos, ainda mais presente nas guerrilhas cibernéticas.

Além disso, há ainda a predominância de uma pandemia que afetou de diversas formas os sistemas políticos, financeiros e sociais do mundo. Esse cenário de incertezas (e a conseqüente busca por respostas rápidas) contribui para a disseminação de desinformações sobre atual crise sanitária, muitas vezes pautadas em uma estrutura jornalística convencional, no quesito da forma e dos recursos, para a divulgação de informações com interesses particulares e/ou políticos. Ao pensar sobre o fazer jornalístico imerso nesse cenário da desinformação, Christofolletti (2018, p.60) afirma que:

[...] o fazer jornalístico estaria sofrendo interferências de caráter político para atender interesses particulares em detrimento do interesse da coletividade. Isso sedimenta a ideia de que a manipulação é uma ação deliberada, planejada, premeditada ou resultado da convicção de que é preciso intervir. Não é um ato inadvertido. (2018, p. 60)

Dessa forma, refletimos acerca dessas apropriações da performance jornalística para fins difusos por meio de uma pesquisa de Iniciação Científica, desenvolvido no curso de graduação em Jornalismo da UFMS, no âmbito do grupo de pesquisa “Comunicação e Mobilização dos Movimentos Sociais em Rede”, que objetiva problematizar as práticas comunicativas de portais de notícias de espectro político conservador, e a consequente difusão de conteúdos “suspeitos”, que complexifica este contexto das fake news. Neste caso, como exercício analítico, trazemos um recorte de nosso arquivo<sup>4</sup>, com notícias acerca da Covid-19, dada a pertinência e atualidade do tema, publicadas no portal Jornal da Cidade Online<sup>5</sup>. Tal site, segundo uma reportagem publicada na agência de checagem Aos Fatos<sup>6</sup>, foi responsável por significativa circulação de fake news nos grupos de WhatsApp, identificados com ideais e políticos de direita, durante as eleições presidenciais de 2018.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa e objetivo exploratório, considerando que tanto o estudo das disseminações informacionais, quanto o próprio conceito de fake news em rede é um campo de pesquisa em construção. Além disso, para se aprofundar no entendimento dessas estratégias comunicativas, é necessário este exercício de familiaridade com o universo pesquisado para esclarecer, modificar conceitos e ideias e formular problemas e hipóteses mais aperfeiçoadas, como coloca Gil (1989, p.27).

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

Para nosso exercício analítico, observamos o portal e identificamos um espaço específico de notícias sobre a pandemia do novo Coronavírus, intitulado “Notícias sobre Covid-19”. Printamos a página dessa seção entre 5 e 10 outubro, já comprovando um extenso material textual, suficiente para nossa primeira abordagem de pesquisa, conforme imagens abaixo, separadas de acordo com a barra de rolagem da página.

Imagem I, primeira parte da página específica sobre notícias acerca da Covid-19



Imagem II, segunda parte da página



Imagem III, parte final da página de notícias sobre o tema supracitado  
**COVID-19**



HIDROXICLOROQUINA 17/08/2020

**Curado da Covid, médico faz emocionante depoimento: "Cloroquina salvou minha vida"**

**Pazuello (veja o vídeo)** de avião (veja o vídeo)



COVID-19

03/09/2020

**Leia se não tiver medo da verdade e identifique os verdadeiros genocidas**



DRÁUZIO VARELLA

02/09/2020

**Como um bom "ator" global, Drauzio Varella ataca Bolsonaro e distorce sua fala (veja o vídeo)**



PANDEMIA

01/09/2020

**Os (ir)responsáveis e a pandemia (parte II): A que ciência eles obedeceram, senão a política?**

**COVID-19**



PSICOLÓGICO 21/08/2020

**Nuances psicossociais da COVID-19 no Brasil**

A politização e a extensão da pandemia agravam perdas e danos sociais e psicológicos.

A partir dessa constituição, buscamos traçar um diagnóstico das práticas comunicativas e pretensamente jornalísticas do site, identificando, conforme protocolo próprio de análise: a origem dos conteúdos, os recursos tecnológicos empregados para replicação e interação com usuários, o nível organizativo da plataforma e a forma de apresentação dos conteúdos, no sentido de apontar elementos que se aproximam do discurso e da estética jornalística. Parece jornalismo, mas não é.

### Situando o campo teórico

O presente trabalho se propõe a problematizar alguns conceitos concernentes à cibercultura, ciberespaço, bem como definições de fake news. Nesse sentido, apresentamos aqui uma breve revisão bibliográfica para situar nossas escolhas teóricas.

Assim, propomo-nos a refletir acerca das práticas comunicativas e ativistas conservadoras do Brasil de 2020, sobretudo porque o veículo que definimos como nosso objeto se posiciona à direita do espectro político. Em 2016, o dicionário de Oxford definiu a palavra post-truth (pós-verdade) como a palavra do ano, entendida como fruto de um conjunto de circunstâncias que faz com que fatos objetivos sejam menos

influentes na opinião pública do que as emoções e as crenças pessoais<sup>7</sup>. Oxford cita um artigo do Independent, publicado antes das eleições americanas, que afirma que, depois das eleições de 2016 onde Donald Trump foi eleito presidente dos Estados Unidos, passamos a viver na sociedade da pós-verdade<sup>8</sup>. Miguel (2017) retoma o mesmo momento histórico para debater a ideia imprecisa de que o jornalismo combate a pós-verdade por ser um canal legítimo, neutro e imparcial. Ademais do debate sobre a “informação verdadeira”, produzida sempre no âmbito jornalismo convencional, o autor reconhece que a internet impulsionou o uso de inverdades e exageros para fins de manipulação política. “Trata-se de um problema grave, para o qual ainda não existem soluções, e cujo impacto na democracia é mesmo grande” (MIGUEL, 2017).

Dessa forma, imersos na sociedade da pós-verdade, acentuada pela lógica capitalista e mergulhada na cibercultura, as fake news ganham impulso para disseminação em grande escala. Entendemos que é importante frisar que quando este trabalho se refere à terminologia fake news ela não representa uma notícia falsa como gênero jornalístico, mas sim as diferentes estratégias comunicacionais utilizadas na produção e propagação de informações enganosas (ROCHLIN, 2017). Já que as informações falsas podem adquirir diversas formas, podendo ser transmitidas por imagens, vídeos, ou até mesmo uma combinação de diferentes elementos que tendem a transmitir credibilidade no intuito de atrair cliques. Assim, sobre as fake news e os diversos impactos que podem desempenhar em sistemas políticos e sociais, pensamos com Braga (2018, p.205) que as notícias falsas podem ser conceituadas como sendo a disseminação “por qualquer meio de comunicação, de notícias sabidamente falsas com o intuito de atrair a atenção para desinformar ou obter vantagem política ou econômica”.

Uma possível explicação se encontra no fato de que os autores das notícias falsas utilizam de um ambiente politicamente polarizado em que há temas sabidamente controversos e fornecem, para ambos os lados do espectro, notícias que confirmem as críticas e pré-conceitos de um grupo para o outro (BRAGA, 2018, p.205).

Assim como a plataforma Jornal da Cidade Online, podemos deduzir que diferentes sites foram criados para disseminar informações enviesadas, gerando ondas de fake news e/ou desinformações, em ambos os espectros políticos em uma conjuntura de conflagrações ideológicas. Contudo, a larga escala de disseminações das fake news, deflagrada de forma mais direta e comprovável no Brasil, durante as eleições presidenciais de 2018, indica uma relação com a (re)ascensão das direitas brasileiras, que

a partir daí, conseguem sobreviver aos rearranjos mundiais do final do século XX (TAROUCO e MADEIRA 2013).

O ativismo da direita é relativamente novo. Camila Rocha (2018) discute de forma bastante interessante e coerente essa nova “militância”. Para a autora, esses novos ativismos são explicados por meio de complexos fatores, que vão além da posse de grandes recursos financeiros e organizacionais, comumente relacionados a este tipo de militância. Existem outros fatores que podem justificar o sucesso ou fracasso na mobilização da sociedade civil em prol de causas conservadoras.

[...] a criação de fortes identidades coletivas, dinâmicas emocionais que surgem a partir de conflitos entre grupos políticos, mudanças na estrutura de oportunidades políticas que criam momentos mais propícios para a ação de determinados grupos e, nos últimos anos, a habilidade no uso (e a própria lógica) das mídias sociais. (ROCHA, 2018, p.48).

Ainda segunda a autora, esses são os principais fatores que resultaram na efervescência das novas direitas brasileiras, em meio a ondas de protestos pró-golpe de Dilma Rousseff (2014-2016). Essas mobilizações começaram a se organizar antes mesmo desse período quando, em 9 de abril de 2011, grupos declaradamente neonazistas fizeram uma manifestação na cidade de São Paulo<sup>9</sup>, se organizaram através de grupos da rede social Orkut e, posteriormente pelo Facebook. Rocha (2018) afirmam que essas mobilizações de direita e/ou extrema direita começaram a surgir entre o fim do primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva e o início do segundo, por meio de fóruns de discussão, blogs, sites e comunidades, onde discutiam temas relacionados ao livre-mercado, à defesa de valores cristãos e à conjuntura política nacional e internacional.

Traçando um paralelo entre essas motivações das novas direitas brasileiras, problematizadas por Rocha (2018), podemos pensar com Castells (2013) que avalia, na perspectiva crítica que, pensar propriamente as novas mobilizações sociais na sociedade em rede, é refletir sobre a “autocomunicação de massas”, enquanto aquilo que “se baseia em redes horizontais de comunicação multidimensional, que fornece a plataforma tecnológica para a construção da autonomia do ator social” (CASTELLS, 2003, p. 128). As mobilizações sociais, imersas na cibercultura, fazem uso da própria natureza do ciberespaço e sua horizontalidade, ausente de líderes, para fazer circular seus ideais e concepções, como por exemplo a recente (re)ascensão das mobilizações das direitas brasileiras, que se alicerçam por exemplo, nos ideais de Olavo de Carvalho e nas ideologias neoliberais norte-americanas (ROCHA, 2018).

Os movimentos sociais são fontes de transformações socioculturais (CASTELLS, 2013), assim, as mobilizações conservadoras/de extrema direita, contribuíram veemente para uma transformação, ainda que questionável: a guinada na política brasileira; mudança abrupta da conjuntura, partindo de um governo centro-esquerda, progressista oriundo do petismo de Lula e, sobretudo, de Dilma (primeira presidenta mulher da história do Brasil), para um governo de extrema direita, ultra conservador olavista/bolsonarista, pautado pelos princípios de diminuição da influência do Estado, pregando neoliberalismo e promovendo reformas previdenciárias e trabalhistas. Podemos sugerir então que as novas direitas brasileiras se apropriam dos ativismos digitais e das diferentes formas de se comunicar e mobilizar em um materializado ciberespaço, que situamos aqui no contexto da cibercultura.

O ciberespaço enquanto um conceito, primeiramente definido por Levy entre as décadas de 1990 e 2000, posteriormente afinado e discutido por Rudiger (2011), é naturalmente oriundo do contexto capitalista no século XXI, já que “o ciberespaço tende a ser muito mais uma forma ideal de mercado do que um ideal de cultivo da subjetividade e das relações com nossos semelhantes [...]” (RUDIGER, 2011, p.40). É importante problematizarmos essas mobilizações, sobretudo porque no ciberespaço temos a possibilidade de nos tornarmos agentes virais de um espaço anônimo cujo poder pode ser exercido em escala mundial (RUDIGER, 2011), justamente por funcionar como um lócus para a promoção da liberdade de expressão e mobilizações de diferentes grupos. Contudo, se revela um catalisador para violações de diversos direitos fundamentais intensificados pelo anonimato e sensação de impunidade.

Assim, faz-se mais que necessário estabelecer um campo de discussão sobre os impactos que as fake news causam na política e na sociedade, que acabam por contribuir para a construção de um imaginário coletivo distorcido, para além de polarizado. A própria conjuntura pandêmica do ano de 2020, onde o mundo é assolado pela crise da Covid-19, fomenta um campo fértil para mobilizações antidemocráticas e disseminação de informações distorcidas acerca da pandemia, além de ataques às minorias e/ou grupos menos favorecidos pelos atores hegemônicos, já que em momentos de fragilidade democrática pode ocorrer o surgimento de movimentos fascistas, demagógicos e extremistas (CASTELLS, 2013).

Justamente relacionando essas definições supracitadas que, por fim, precisamos situar a noção de cibercultura, onde é possível observar a grande circulação de discursos, ideologias e conteúdos de diversas ordens e naturezas. A cibercultura pode ser entendida



como formações práticas e discursivas que constituem uma mediação de estruturas que presidem os modos de vida da sociedade contemporânea (RUDIGER, 2011), que inevitavelmente estão imersas nessa subjetividade, através das TIC's.

Entendemos que a cibercultura contribui para a constituição de campos de diversas naturezas, tanto de discussão quanto de disseminação de informações, possibilitando a construção de uma rede complexa de livre circulação de discursividades, que podem variar de um processo sócio-histórico bem mais vasto e complexo do que os referenciais alcançam. A junção dessa perspectiva de temporalidade e espacialidade, a interligação entre os indivíduos e a distribuição e descentralização do conhecimento, são elementos que compõem a complexidade da cibercultura e a tornam expressão da cultura contemporânea que inunda o cotidiano (RUDIGER, 2011; MIGUEL, 2014). A internet perpassa a existência humana, não como à parte de sua experiência de vida, mas como extensão de seu cotidiano, extensão de sua memória, de sua organização interpessoal e profissional, extensão até mesmo de suas manifestações de sentimentos.

### **Caracterização do Jornal da Cidade Online**

Para nosso exercício analítico, selecionamos a página específica de informações acerca da temática da Covid-19, no mês de outubro de 2020, e nos concentramos nos elementos ali dispostos, identificando três itens principais que integram nosso protocolo de análise: os recursos tecnológicos empregados, as estratégias de mobilização e as proximidades com a estética e com o discurso jornalístico. Levamos em consideração os pensamentos de Christofolletti (2018, p.18), já que:

Em tempos de internet e redes sociais, o recurso alargou seus limites, recebendo fortes impulsos em novas dinâmicas, sendo também chamado de clickbait. Na maior parte das vezes, as ações para caçar cliques atendem a interesses comerciais, enaltecendo marcas, produtos e causas, valendo-se da confusão dos sentidos do público, o que colide de frente com princípios éticos do jornalismo e sua função de bem informar as audiências.

Observamos 24 conteúdos sobre o tema apenas nesta seção específica, durante os dias de nossa observação. O primeiro ponto que destacamos é a disponibilização de hiperlinks de compartilhamentos através de sete redes sociais; uma dinâmica para facilitar o compartilhamento (e a viralização) dos conteúdos; dessa forma torna-se praticamente incalculável o alcance que tais informações podem atingir. Além disso, identificamos a constante utilização de convergências de mídia, na medida em que diversas notícias apresentam, logo em seguida ao título, uma chamada de “Veja o Vídeo”, para o leitor

acessar o conteúdo audiovisual, em um movimento de reforçar a informação proposta no texto, e facilitar o consumo e, por consequência, o compartilhamento da notícia. Notamos a utilização desse recurso em pelo menos oito notícias, um terço dos conteúdos.

Sobre as estratégias discursivas e a estética predominantes, verificamos que o portal estrutura-se de forma bastante similar aos sites de notícias “convencionais”, de forma que a organização é separada por seções e editoriais, imagens seguidas de títulos e links para acessar os conteúdos completos. Notamos também que a maioria dos textos não possui autoria, um item bastante problemático e indicador de suspeição. Os conteúdos são identificados pela editoria e se apresentam como sendo conteúdos próprios do site. Refletindo acerca da arquitetura em que as informações se dispõem, observamos que as notícias, majoritariamente, são ilustradas por imagens de atores políticos que se identificam/são filiados a partidos localizados na extrema direita do espectro político brasileiro, em contrapartida, pensando na hierarquia informacional, é possível observar que a notícia de maior destaque no site com o título "Ganhadora do Oscar e militante esquerdista comemora Covid-19: 'Um presente de Deus' (veja o vídeo)", é possível observar um movimento de polarização política na própria estrutura da página, reflexo da conjuntura de conflagração ideológica do Brasil de 2020 que perdura atualmente.

Observamos que a estrutura textual utilizada na composição dos títulos, por exemplo, apresenta tons apelativos, frases afirmativas e/ou exclamativas e figuras de linguagem, que podem até fugir da estrutura jornalística mais convencional. Contudo, também utilizam das aspas, atribuindo informações às pretensas fontes de informação. A utilização do discurso relatado, trazendo falas de fontes entre aspas logo no título da matéria, evidencia a intencionalidade de reforçar a credibilidade da informação e a apropriação de uma forma jornalística.

A utilização de títulos apelativos caracteriza-se com alguns padrões de manipulação de informação propostos por Christofolletti, em especial, a denominada “padrão de embaralhamento”, que consiste em “[...] um conjunto de estratégias redacionais, narrativas ou estéticas que objetivam confundir e desorientar, levando a outros entendimentos e sentidos, distantes dos originais” (CHRISTOFOLLETTI, 2018, p. 17). Esse padrão se caracteriza também pela forma como se altera os critérios de noticiabilidade e a tática de distribuição das informações, em uma estratégia de capturar o interesse do público com títulos apelativos, irreverentes e de duplo sentido. Como citado anteriormente, no título “Ganhadora do Oscar e militante esquerdista comemora Covid-19: 'Um presente de Deus' (veja o vídeo)", é possível observar certo sensacionalismo, já

que apresenta a figura de uma representante de espectro político divergente, glorificando a doença: “Um presente de Deus”.

Novamente a dinâmica de atrair cliques se apresenta, já que o site explora essa informação ambígua como principal conteúdo da página.

Notamos ainda um constante movimento de apresentar o medicamento Hidróxido de Cloroquina enquanto uma alternativa e/ou um tratamento à Covid-19, mesmo que não existam pesquisas científicas que comprovem a eficiência do medicamento, destaque para o título: “Curado da Covid, médico faz emocionante depoimento: “Cloroquina salvou minha vida”. Bem como em “Bolsonaro ‘satiriza’ negacionistas da Cloroquina: ‘são iguais a ateus caindo do avião’ (veja o vídeo). Neste caso, o conteúdo é reforçado em uma esfera de credibilidade e representatividade com a fala do Presidente da República (a máxima posição de poder em uma democracia representativa), e de quem se espera compromisso e responsabilidade para com a Nação.

## 2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando na conjuntura das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), bem como no cenário de crise política brasileira, é necessário refletir sobre como a informação e os fatos noticiados circulam nesse cenário imerso no dinamismo e instantaneidade do mundo globalizado capitalista. O ciberespaço e a pluralidades de informação em constante circulação nas redes, tendem a fomentar um vasto campo para que fake news sejam disseminadas e consumidas, muitas delas com teor antidemocrático, anticientífico e/ou fomentando informações discrepantes da realidade.

Por meio de um arcabouço teórico e observações exploratórias, pudemos observar, ainda que preliminarmente, como certas informações se constituem de forma pretensamente jornalística, em uma estrutura de verossimilhança – títulos, fonte, aspas, design -, que tendem a confundir o leitor e ameaçar os preceitos democráticos; na conjuntura atual, ainda podem afetar diretamente o cidadão e a própria contenção da crise sanitária.

A página que baseamos o exercício analítico, Jornal da Cidade Online, parece jornalismo, se apresenta como tal, se estrutura nesta lógica, mas traz conteúdos falseados, frágeis, apelativos, salvacionistas, sem autoria, sem checagem, com recursos tecnológicos que impulsionam o compartilhamento em massa e a consequente desinformação, possibilitadas sobremaneira pela cibercultura.

Aqui relacionamos apenas alguns pontos para a análise, salientamos que existem diversas outras características a serem observadas em nosso objeto, reservamos isso, no entanto, para os próximos trabalhos.

### NOTAS DO RODA PÉ

4 Arquivo constituído de notícias que abordaram temas relacionados à Covid-19, sobretudo as que apresentam relações com questões políticas.

5 Mais informações em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/>>. Acesso em: 01 nov 2020.

6 Disponível em:

<<https://www.aosfatos.org/noticias/sites-de-fake-news-foram-os-mais-populares-em-grupos-de-whatsapp-nas-eleicoes/>> . Acesso em: 08 out 2020.

7 Disponível em: <<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/post-truth>>. Acesso em: 11 maio de 2020.

8 Disponível em:

<<https://www.independent.co.uk/voices/us-election-2016-donald-trump-hillary-clinton-who-wins-post-truth-world-no-going-back-a7404826.html>>. Acesso em: 11 mai. 2020.

9 Mais informações disponíveis em:

<<http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2011/04/06/neonazistas-ajudam-a-convocar-ato-ci-vico-pro-bolsonaro-em-sao-paulo.htm>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

## REFERÊNCIAS

- BRAGA, Renê Moraes da Costa. A indústria das fake news e o discurso de ódio. Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio: volume I, 2018.
- BENTES, Ivana. Mídia-Multidão: estéticas da comunicação e biopolíticas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.
- BURSZTYN, Victor S.; BIRNBAUM, Larry. Thousands of small, constant rallies: a large-scale analysis of partisan WhatsApp groups. In: Proceedings of the 2019 IEEE/ACM International Conference on Advances in Social Networks Analysis and Mining. 2019. p. 484-488.
- CASTELLS, Manuel. Ruptura: a crise da democracia liberal. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2018.
- CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio e Janeiro: Zahar, 2013.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. Padrões de manipulação no jornalismo brasileiro: fake news e a crítica de Perseu Abramo 30 anos depois. RuMoRes, v. 12, n. 23, p. 56-82, 2018.
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999.
- MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Cibercultura e extremismos: notas sobre brasil e argentina no tempo presente. Sociedad y Discurso, n. 23, 2013.
- MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013. 278 p.
- MIGUEL, Katarini. Pensar a cibercultura ambientalista: comunicação, mobilização e as estratégias discursivas do Greenpeace Brasil. 2014, Tese (Doutorado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo.
- MIGUEL, Luis Felipe. Os meios de comunicação e a democracia. Revista Comciência .Dossiê 186, março de 2017. Disponível em:<https://www.comciencia.br/os-meios-de-comunicacao-e-a-democracia>. Acesso em 02 nov.2020.
- MARQUES, Alberto. Verificando no jornalismo: mapeando práticas jornalísticas de combate a Fake News.Universidade Federal de Goiás (UFG) – Goiânia (GO), 2019
- RÜDIGER, Francisco. As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Los nuevos movimientos sociales. OSAL: Observatorio Social de América Latina, n. 5, p. 177-188, 2001.

ROCHLIN, Nick. Fake news: belief in post-truth. *Library Hi Tech*, [s.l.], v. 35, n. 3, p. 386- 392, 2017

SOLANO, Esther et al. (Ed.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. Boitempo Editorial, 2018.